

A Reverência Lingüística

Deu no jornal que, sempre preocupados com as prerrogativas do Congresso, nossos deputados, à guisa de consolo das derrotas que têm sofrido neste controvertido tema, estão pretendendo restabelecer pelo menos um de seus mais tradicionais e indolores direitos: a reverência lingüística.

Saudosos, talvez, da hierarquia vocabular com que eram distinguidos nos tempos em que a corte legislativa vicejava no Rio de Janeiro, nossos representantes querem voltar a ser respeitosa e cerimoniosamente tratados de Vossa Excelência pelos 4.000 funcionários da Câmara e do Senado. Parece que os arcos secos de Brasília, o isolamento e a rotina de convivência no planalto andaram democratizando em excesso as relações entre legisladores e funcionários, gerando uma indesejável promiscuidade e plebeização lingüística.

Não desejo discutir a conveniência ou inconveniência desse retorno à linguagem ritualista, embora, no atual contexto lingüístico e político, tal medida não escape de ser rotulada de anacronismo e artificialismo. Mas o assunto é bom e permite considerações sobre as formas de tratamento em português.

Do latim, lingua-mãe da nossa, vieram os pronomes tu (singular) e vós (plural) como formas de tratamento direto para a pessoa ou pessoas com que falávamos. O tu, generalizando-se logo, tornou-se popular demais; revelava grande intimidade entre os interlocutores e passou a ser, por isso, insuficiente e desaconselhável no relacionamento com pessoas de hierarquia superior. Já não bastava a ousadia de vir o servo à presença do senhor, olhá-lo de frente e ainda se permitia a tratá-lo por tu, como a qualquer igual?

Outro jeitinho de tratamento, inventado por cortesãos na eterna ânsia de agradar seus senhores, consistiu em fingir que dirigiam a palavra não ao soberano ou suserano, mas sim a um atributo ou qualidade superior que possuíam, como a bondade, a misericórdia, a nobreza, a alta posição social etc. Falavam, então, os vassallos ao rei, tratando-o por Vossa Mercê, Vossa Senhoria e depois, ampliando a bajulação e a reverência, por Vossa Majestade e Vossa Alteza. A forma Vossa Excelência reservou-se aos duques e a hierarquia eclesiástica, sempre presente à atuante, não tardou a adotar o ritual lingüístico, exigindo para seus representantes o tratamento de Vossa Reverência, Vossa Eminência, Vossa Paternidade, Vossa Reverendíssima.

Já nos tempos de Cabral, estavam hierarquizadas as lusitanas formas reverenciais de tratamento. Aos reis atribuiu-se Vossa Majestade; com os príncipes ficou Vossa Alteza e, com os demais, Vossa Excelência e Vossa Senhoria, destinaram-se aos nobres e aos ocupantes de cargos públicos de prestígio. Vossa Mercê era o curinga, servindo para qualquer pessoa de posição superior. Como marcava apenas uma oposição social, usou-se e abusou-se de Vossa Mercê, a ponto de a boca do povo transformá-lo em vosmecê e você, a mais usual forma de tratamento no português

de hoje. Não se pense, contudo, que a mesma vulgarização de Vossa Mercê ocorreu com os demais pronomes do cerimonial de tratamento. Pelo contrário, naqueles tempos sua atribuição era parcimoniosa e seu uso bastante restrito, não se concedendo sequer sua extensão às colônias. O filólogo Said Ali nos conta a existência de várias ordens régias que proibiam os governadores gerais do Brasil de aceitarem o tratamento de Excelência. Na monarquia brasileira, tão pródiga em distribuir títulos e comendas, uma das graças mais consideradas era a outorga do tratamento de excelência; os barões sem nobreza e grandeza não tinham direito a ele.

Ausentes os notáveis, a reverência e a cortesia deviam permanecer respeitadas sempre que se falava deles. Criaram-se, assim, as formas alternativas Sua Majestade, Sua Alteza, Sua Excelência, Sua Senhoria etc. Atenção, portanto, senhores funcionários do Congresso: evitem futuros embaraços e incorreções. Lembrem-se de que, falando com o deputado ou senador, devem usar Vossa Excelência. "Que belo discurso fez Vossa Excelência, Senhor Deputado!" Agora, quando falarem do deputado ou senador com outra pessoa, empreguem Sua Excelência. "O discurso de Sua Excelência foi um purgante".

Neste assunto, aliás, permito-me, a fim de prevenir outras imperfeições protocolares, a sugestão de editar-se um pequeno manual esclarecedor de certas regras de boas maneiras lingüísticas. Que se alerte, por exemplo, que toda concordância verbal e nominal com as formas de tratamento em questão deve ser feita na 3ª. pessoa. Isso poderá impedir que, embora bem intencionados e reverentes, funcionários menos íntimos da gramática perpetrem frases como "Vossa Excelência deve comparecer à reunião da Comissão Parlamentar de Inquérito", ou então, "Senhor Senador, alguns de vossos correligionários pediram que vós entregasse este abaixo-assinado". Com o manual à mão, como convém, verificaríamos logo que as frases corretas são: "Vossa Excelência deve comparecer à reunião da Comissão Parlamentar de Inquérito e Senhor Senador, alguns de seus correligionários pediram que lhe entregasse este abaixo-assinado".

Bem, com tais regrinhas de protocolo lingüístico, bem sabemos que não se salvará a Pátria nem se reduzirão os índices inflacionários, mas, de qualquer modo, a língua portuguesa estará sendo exercitada em suas loucarias e este escribã bissexto não ficará sem assunto.

Só não se poderá evitar que, subindo a rampa do Congresso e ouvindo o funcionário dirigir-se ao deputado com o reverencial Vossa Excelência, o turista gozador, tal qual o chofer do táxi de Aurélio Buarque de Holanda, se dirija ele próprio ao legislador e, ironizando a situação e a gramática, pergunte-lhe com o fino humor de Jó Soares:

- Vossa Excelência sois rei?